

Ação Sindical

ESTUDOS — CRÍTICA — ORIENTAÇÃO

Ano I - N.º 2 - Março de 1958

Diretor responsável: Alexandre C. Pinto

Administrador: Rubens Leite

Redação: Rua Rubino de Oliveira, 85, 1.º andar

Correspondência: C. P. 5739 - São Paulo - Brasil

A exploração do homem pelo homem fornece a base a todo comércio e sua moral, a todas as hierarquias e autoritarismos. A emancipação dos trabalhadores — única parte explorada — acabará com tal base. O sindicalismo, visando essa emancipação, permite deduzir que sua finalidade não se limita aos problemas econômicos. No bojo de seu federalismo aninham-se os germens de um mundo novo. É preciso que todos os idealistas compreendam isto.

O Sindicalismo e os Partidos

Os sindicatos, ao congregarem em seu seio os assalariados do ramo que lhe dá o nome, não perguntam a ninguém que idéias professa, que religião adota ou a qual partido político pertence. Não põem reparo em cores nem nacionalidades. E como sua finalidade é libertar do jugo do salariato todos os seus componentes, é justo que exija de seus associados a qualidade de sindicalistas, única e exclusivamente. Se algum trabalhador achar que sua posição de assalariado é a que lhe convém (devemos admitir o absurdo), então faz mal em associar-se. Ao sindicato só devem vir os que desejam acabar com sua condição de escravos, dando fim ao vil comércio que se faz de seu suor.

É justo que, tendo essa finalidade, mais que reconhecida em todo mundo, exija de seus associados comportamento conseqüente com ela. No sindicalismo não cabe o diversionismo nem nenhum tipo de experiência política. Ele tem suas próprias armas de luta: as greves parciais e as gerais, o boicote, a sabotagem e as greves revolucionárias em casos extremos.

Se perguntassem a qualquer dos pioneiros do sindicalismo se este pode preencher suas finalidades através da colaboração com os órgãos estatais ou mediante o aconchego com qualquer partido, a resposta seria negativa. Todos eles responderiam que o sindicalismo ou é revolucionário ou não é sindicalismo. O que nos obriga a reconhecer que a atividade político-partidária em seu seio é negativa e atentatória a sua finalidade.

Nos fins do século passado e nas primeiras décadas do corrente, o sindicalismo teve como principais militantes os próprios sindicalistas, os anarquistas e os socialistas, e, a partir de 1918, os que adotaram a designação de comunistas. Todos unidos, e sem lhe imporem nenhuma orientação sectária, impuseram ao patronato novas condições de trabalho, com menores horários, férias etc. Impuseram até em alguns casos, os contratos coletivos. As modernas leis trabalhistas não são presente de nenhum governante, mas fruto das lutas que os operários conscientes de então mantiveram, lutas árduas por vezes, onde a prisão era a forma mais suave das reações governamentais.

Com o fascismo, pretenderam as classes dominantes conter a marcha emancipadora dos trabalhadores, acabando com seus sindicatos e não lhes permitindo outras reuniões que não fossem as efetuadas sob seu controle nos novos órgãos criados por lei. A guerra, que teve suas causas no delírio dos ditadores, fez compreender à burguesia que os extremos eram perigosos, levando-a a aceitar a existência do sindicalismo como um mal menor, como um processo mais ou menos acelerado de evolução, que terminará fatalmente com o nivelamento das classes e com a extinção do salariato. Nem outra coisa se pode esperar num mundo cada vez mais rico de conhecimentos, com novas descobertas de energia. Não é possível manter meia humanidade na ignorância mais completa enquanto a outra metade aure conhecimentos de toda ordem. Os sábios, os filósofos, os economistas, escrevem livros e artigos, e os operários podem lê-los. A capacidade de assimilação vai aumentando de ano para ano, de geração para geração e, finalmente, todos chegarão à conclusão de que poderão viver felizes e em paz.

Este processo, entretanto, será o mais lento possível, dada a tendência conservadora dos parvos que se julgam superiores e portanto com direito de governar os destinos dos outros. Parvos que resultam perigosos quando se sentem menos «prestigiados» ou reduzido o campo da sua idolatria.

O sindicalismo tem a justa finalidade de acelerar esse processo, desconhecendo todas as boas ou más intenções de todos os que gostam de exibir suas «altas capacidades» no governo da coisa pública, ou seja: de todos os políticos.

O fato, portanto, de este ou aquele partido, ser mais ou menos revolucionário, não pode influir na linha do sindicalismo. E se esse partido, prevalecendo-se da ignorância dos trabalhadores, impuser sua linha partidária aos sindicatos, o único que

consegue é sabotar-lhe a ação, retardando sua marcha emancipadora.

Esta ligeira exposição serve de resposta a todos os que nos criticaram pelo fato de condenarmos o domínio que alguns partidos, notadamente o Partido Comunista, vêm impondo aos sindicatos. Os partidos comunistas de hoje nada têm de comunistas e menos de revolucionários. Em 40 anos de experiência e de domínio, o Partido Bolchevique Russo, crismado logo de comunista, continua tão bolchevique como no dia em que tomou posse dos destinos da grande nação. A centralização é cada vez maior, a liberdade continua restringida, os trabalhadores continuam sendo trabalhadores, com os mesmos encargos que nós suportamos no mundo capitalista. Mas não é o fato de se dizerem comunistas que os torna alvo de nossas críticas. Afinal, podiam chamar-se fenianos ou qualquer outra coisa, porque isso não é proibido. As palavras que definem qualquer idéia não obedecem a mesma lei dos registros de marcas ou de patentes. Para colocá-las no frontispício de qualquer partido é apenas uma questão de escrúpulo. Haja vista aos termos «social» e «trabalhista», tão em voga... O que desperta nossas críticas e esclarecimentos sobre o caso em particular, é apenas isto: o Partido Comunista congrega em seu seio milhares de trabalhadores que não vislumbram a finalidade do sindicalismo. Julgam eles que só o seu partido, tomando conta do poder, poderá emancipá-los. Os burgueses que dirigem o partido servem-se deles para dominar um bom número de sindicatos, transformando-os em campo de manobras políticas. Se esses trabalhadores se dessem conta de que podem ser sindicalistas e ao mesmo tempo membros do partido, respeitando as características da luta sindical, nada teríamos a objetar. Nos sindicatos há trabalhadores que votam em todos os partidos e alguns que não votam em nenhum. Mas respeitam a linha apolítica do sindicalismo, o que não tem acontecido infelizmente, até agora, com os adeptos do P. C.

E nós, neste órgão, impusemos-nos a missão de defender a linha puritana do sindicalismo de divulgá-lo e de concitar os trabalhadores a cerrarem fileiras dentro dos seus órgãos de classe.

No exercício findo, no STIG, a conta de viagens dos diretores alcançou soma grossa. Seria para isso que se cortaram vários benefícios aos associados? Foi para isso também que se aumentou a cotização? Aquê, o mesmo líder que papou 19 contos em dez dias de greve, papou mais 18, em 5 dias, numa viagem ao Rio. Os trabalhadores gráficos não devem permitir tais avanços nos seus cofres. Quem defender essa classe de turismo e de rega-bofe é tão culpado como quem a pratica. Estas críticas, entretanto, não terão a virtude de reconduzir ao bom caminho quem tão desviado anda da verdadeira linha sindicalista. Não há dúvidas: É PRECISO MUDAR!

Sobre a nova Lei de Previdência Social

O movimento de cúpula, após os estudos do projeto de lei destinado a regular as pensões e aposentadorias, e atendendo também as recomendações dos senhores ministros, vêm defendendo, sem reparos, com telegramas, palmas e caravanas (as três armas preferidas, que estão marcando uma época) a lei em andamento pelas câmaras.

Aprovada que seja, com remendos ou esburacada, haverá então assunto para cantar mais uma grande vitória, como as que vêm obtendo ultimamente... E ao sr. Joãozinho Boavida, o novo grande líder que pretendem impingir-nos, serão canalizadas as maiores honrarias da nova «vitória». Essa vitória, açucarada com o bonito palavreiro de muitos papagaios, mal esconderá o sal-amargo com que virá temperada: 20% sobre os salários; 10%, diretamente dos empregados, e 10% dos empregados, pela mão do patrão...

Sim trabalhadores, estamos até informados de que alguns pais da Pátria chegaram à conclusão de que o governo não pode contribuir para os IAPS e que só pode emprestar deles e não pagar; e concluíram também que não é possível manter a grande legião de esforçados diretores, subdiretores, delegados e sub-delegados, em férias e na ativa, com todos seus acessórios e acessórios, nem aumentar essa legião com os novos pretendentes — trabalhadores-natos (o termo é novo mas está certo) — com os miseráveis 20% propostos e já aceitos pelos líderes. Cogitam, portanto, de elevar as contribuições para 25%!

A nova lei, pois, se vier, talvez venha com esse «pequeno acréscimo». Será apenas o resultado de todos os rapa-pés, de todos os apertos de mão e sorrisos e dos abaixo-assinados que só servem para dar trabalho aos telegrafistas e encher-lhe o sapato...

Nós achamos que os atuais 16%, já são uma escorcha tremenda. Que os 20% previstos só se justificam com a improbidade da administração dos institutos. E que a pretendida emenda para 25% não têm mais qualificativo na ordem dos pejorativos.

Só aqui, entre os vários países onde existe legislação de previdência, acontecem estas coisas. E' que, lá, os sindicatos não estão amarrados a nenhum ministério nem os políticos têm a eles acesso. Há organizações de ordem particular que garantem uma velhice tranqüila mediante contribuições que não vão além de 6% do salário médio. E há instituições oficiais, onde as reservas se acumulam e as pensões e aposentadorias são uma realidade, com contribuições de 6% per capita.

Só aqui, no Brasil onde tudo é grande, há tanta fraude e tanta mesquinhez quando se trata da segurança e do bem-estar dos trabalhadores.

Curiosos, no estudo deste problema, deram-se ao trabalho de calcular as contribuições de um operário, em relativas condições de saúde, durante 35 anos. Cálculo sobre os 20% previstos na nova lei e sobre o salário de 6.000 cruzeiros, média atual do trabalhador qualificado. Juros de 6% ao ano, capitalizáveis no mesmo período. Você, leitor, faz idéia? Aqui vai o resultado, para evitar-lhe o cálculo, embora você fique com cálculos biliares e estuporado ao sabê-lo: Cr\$ 1.600.000,00, desprezando os quebrados!

E que recebe o trabalhador, ao fim desse tempo? O seu ordenado, ainda com descontos, que representa menos de 0,4% de juro do capital acumulado. E quando a Parca chegar, ele não deixa nada desse capital para ninguém. Os institutos são herdeiros universais de todos os que nascem para o vil comércio do trabalho. A custa dos humildes, que não sabem impor seus direitos, o comércio da previdência enche o ventre de muitos inescrupulosos, que não se lembram sequer de que seus pantagruélicos banquetes representam o pão roubado à velhice e à invalidez dos que se arruinam no trabalho.

O Imposto Sindical

JOÃO DA COSTA PIMENTA

O imposto sindical eis uma das maiores mazelas que infeccionam o nosso sindicalismo. Além de representar dura sanção imposta aos magros salários do trabalhador, já de si escassos para atender às necessidades essenciais da vida em face da crescente desvalorização do cruzeiro, é o instrumento da corrupção que desmoraliza e enfraquece nosso movimento sindical, desperdando a cobiça dos dirigentes inescrupulosos, desenvolvendo a praga peleguista, que viceja como nunca, e cuja extirpação é a primeira condição da liberdade e da autonomia dos sindicatos.

O imposto sindical é a causa direta da submissão dos organismos sindicais à engrenagem ministerial; e é, em grande parte, devido a ele, que os trabalhadores não puderam, até hoje, repelir a tutela exercida pelos órgãos governamentais, que os mantêm acaudilhados aos seus desígnios políticos, por intermédio de prepostos — velhos pelegos e neo-pelegos — prestimosos instrumentos dessa denominação aberrante, até mesmo da própria Constituição Federal, a qual declara livre a associação sindical, e impossibilita, inclusive, que os trabalhadores cuidem livremente de seus órgãos de classe e por eles lutem, a fim de os tornar poderosos e eficientes na defesa de seus interesses profissionais.

E, para maior irrisão, esse imposto, iniquamente extorquido ao suor do trabalhador, se dispersa e extravia a meio caminho e, em grande parte, é drenado para o famoso Fundo Sindical, um organismo de finalidades obscuras e indefinidas e que mal encobre atividades escusas e certamente contrárias aos interesses dos trabalhadores. Outra parte substancial da arrecadação desse imposto destina-se às federações e vagos organismos de cúpula que em regra descumprem com desfaçatez incrível os deveres que lhes incumbem na defesa dos interesses que supostamente representam. À custa desse imposto é mantida uma custosa burocracia de dirigentes.

Argumenta-se que a extinção do imposto sindical viria liquidar os serviços assistenciais que os sindicatos prestam aos seus associados. E' outro erro. Na nossa estrutura político-social, essa assistência é tarefa dos institutos e caixas. Os sindicatos devem lutar para que essa assistência, não sendo prestada eficientemente nas sedes dos institutos e caixas, seja efetivamente prestada na própria sede dos sindicatos, custeada pelas instituições de previdência social, sem necessidade de se lançar mão de um recurso tão opressor e corruptor dos meios sindicais, como êsse.

A Ação Sindical dos Gráficos, e os outros núcleos em formação, devem incentivar sua luta contra todas as mistificações e vícios que possam afetar a independência do movimento sindical, fazendo dessa luta o ponto de partida para a libertação dos sindicatos.

VIDA LIMPA

Alguém, que só sintoniza com uma «linha», disse que esta fôlha é mantida com dinheiro dos norte-americanos.

Realmente, uns bons milhares de dólares não fariam mal à penúria em que vivemos e com que lutamos. Máxime ao câmbio atual. Mas os magnatas do norte, papais Noel de muita gente de alta alcurnia nas nossas finanças e na nossa política, não baixam nem sequer seus olhos para nós. O que é bom, porque podiam botar mau olhado, atrapalhando a contagem das nossas pobres manolitas...

Mas somos forçados a declarar que o dinheiro com que mantemos «Ação Sindical» provém dos americanos... do sul, que trabalham pesados horários, em oficinas nem sempre higiênicas. E o dinheiro que recebe não vem emporechado pelo exibicionismo nem obriga a fazer o quintacolonismo de ninguém, mas apenas obra de esclarecimento, o que não é do agrado de muita gente, por este Brasil afora.

Não como resposta a esse inconsciente colega, mas como medida de rotineira satisfação aos nossos amigos, publicamos aqui o balancete do 1.º número de «Ação Sindical».

Importâncias recebidas:

De Domingos Memo. Cr\$ 200,00; de Romeu Mancinelli, 100,00; dos gráficos da Rebizzi (lista), 960,00; dos gráficos da firma Martinelli & Monteiro, 415,00; de uma lista a cargo do companheiro F. Ortega, entre professores, metalúrgicos, comerciários e outros, 1.630,00; de Américo Valillo, 100,00; de Genaro Schiavino, lista entre sapateiros, 600,00; recebido de venda avulsa, arrecadada por vários, 695,00.

Soma Cr\$ 4.700,00.

Despesas:

Pago por 100 fôlhas de papel e 100 envelopes impressos, Cr\$ 100,00; pago pela composição e impressão do 1.º número, Cr\$ 4.000,00.

Soma Cr\$ 4.100,00.

Saldo para o segundo número, Cr\$ 600,00.

O clichê do nosso cabeçalho foi um obséquio dos colegas gráficos da clicheira Planalto. O publicado na 4.a página foi-nos cedido gentilmente por nosso amigo Edgard Leuenroth.

Quando a esmola é grande... Os Trabalhadores em Calçados e suas Lutas

o santo desconfia. Mas isto acontece com os santos, que, pelo que sabemos, não foram lá muito santos. Mais santos que os ditos são os operários de hoje, que não desconfiam de ninguém, por maior que seja a esmola. Se todas as honrarias, intenções e promessas de todos os políticos e farsantes que elogiam os trabalhadores não fossem apenas simbólicas e destinadas a embalar-las no sono da inocência, eles já teriam uma vida tão regalada que muitos poderiam trocar de boa vontade as suas posições pelas deles. Vejamos só:

As honras de "homem do ano" são dadas a um trabalhador. Ministros, deputados, líderes, senadores, industriais, fazendeiros, organizam lauto banquete para homenagear os trabalhadores na pessoa de seu líder máximo, o "homem do ano", todos de acordo em suas discursões, todos afirmando que o bom entendimento e a colaboração elevaram a condição dos trabalhadores a classe respeitada, esteios da Pátria, etc. etc. Os governantes e os políticos de todas as cores já não fazem mais nada sem consultar seus líderes... Quem está mandando, sem dúvida, são os pobres, os humildes, os honrados trabalhadores. É verdade que nenhum dos que tomou parte no bababesco banquete é capaz de trocar a sua posição de "orientador" e de responsável pela boa marcha da Pátria pela enxada. Os trabalhadores, realmente, até são ingratos quando fazem críticas e quando reclamam mais pão. Com tantas honrarias, com dirigentes tão conspícuos e considerados, com tanto gás a inflá-los, não sabemos como podem sentir necessidade de feijão...

Os cuidados pelo bem-estar do trabalhador aumentam dia a dia. Todos se ufam em zelar pelos seus interesses. Agora mesmo acaba de surgir mais uma iniciativa que promete beneficiar em alto grau os felizes produtores deste grande e feliz Brasil! A Pontifícia Universidade Católica e a Confederação dos Círculos Operários Católicos acabam de fundar a primeira escola para líderes operários, com sede no Sindicato dos Têxteis do Rio. Assim, além dos numerosos líderes que os partidos e os caudilhos introduziram nos sindicatos, vamos ter também os novos líderes católicos, filhos de Deus e da Virgem. Estes também podem garantir a legitimidade de sua oratória papista, oriunda de Roma, já que a orientação estrangeira está provando melhor que a nacional.

Nós, felizes trabalhadores indígenas, teremos a satisfação de alimentar e manter bem gordinhos os líderes que vão ser fabricados agora em série na nova escola. Afinal, nossos sindicatos, que já mantêm um bom número, podem, com boa vontade, manter outros tantos... Em compensação, além dos bens terrenos que todos nos propiciam, os novos líderes vão abrir-nos também as portas do Céu. Começaremos nossas assembleias com hinos sacros e teremos sermão e missa cantada nos sindicatos. Maior felicidade, não é possível.

Com tantos líderes a dirigí-lo, a cuidar de seus interesses, o trabalhador não precisa pensar em mais nada. Nem precisa até de cabeça, mesmo porque o que dele se exige é bem pouco: estômago pequenino e lombo, pernas e braços fortes.

O diabo é se alguém se lembra de dar um murro na mesa e acorda o colosso que dorme. Ele é capaz de tudo na sua ira. Nem todas as mistificações ficam impunes. O colosso pode limpar sua casa.

Entre Pelegos...

— Ora até que enfim seu Nó, nos encontramos de novo. Como vão as coisas lá pelos seus domínios?

— Mal, seu Cego, muito mal. Aquêles espíritos de porco estão implicando agora com tudo. Imagine só: acham até ruim que a gente receba dinheiro do prefeito e do governador para a nossa festa do 1.º de Maio!

— Mas que patifes! E que alegam eles?

— Bobagens... Dizem que a data não é de festa e sim comemorativa de uma tragédia que foi o primeiro marco da luta pelas 8 horas. Coisa velha, já ultrapassada, pois ninguém mais observa esse horário...

— Lá isso é verdade. Nas fábricas do meu setor a bugrada trabalha até 12... e é melhor assim, porque não têm mais tempo pra fazer críticas bestas...

— E dizem que estamos imitando o SESI na mistificação da data... A gente fica sem resposta e...

— Acho que você tem razão em tratá-los de espíritos de porco. Ora que mal tem que se tire o dinheiro do prefeito e do governador pra a nossa festinha? Com dinheiro podemos até abafar as festas do SESI, alcançando mais uma vitória.

— Olhe, seu Cego, eles chegaram a dizer que ficava melhor pra nós juntar-nos aos do SESI e fazer o rega-bofe juntos...

— Mas então, eles não são tão maus assim, seu Nó, porque eu acho a idéia boa...

— Boa, uma ova! Ai é que eles nos assavam com couro e tudo. Eu também acho que a festa seria maior e que alguns dos nossos poderiam projetar-se bem... Mas, é preciso salvar as aparências... e não esquecer que somos revolucionários...

— Sempre disse que você é inteligente. Eu já teria caído no alcapão desses espíritos de porco. Mas, mudando de assunto, com quanto vão «cair» os do executivo?

— O do prefeito é segredo. Ele não gosta que se comentem certas coisas... Ao governador nós pedimos 500 contos. Mas como ele é pão-duro, dará um corte, talvez pela metade. Mesmo assim, ainda sobrá mais da metade dessa metade...

— Quer dizer que ainda haverá umas sobrinhas pra nós?

— Muito pouco seu Cego. Nós somos muitos, e você sabe... há os superiores, os que tem mais prestígio que nós...

— (Cego solta um suspiro). E... é verdade que eles também têm de fazer esforços de equilíbrio e de oratória nas festas... e é justo que...

— Oratória, nada. Quem vai falar é o prefeito e outras personalidades. Os nossos só vão fazer de porteiros, Abrem e fecham o ato.

— Muito bem, seu Nó. O prefeito fala melhor aos patricios... e se ele não se esquecer dos enforcados de Chicago, tudo irá bem.

— Não faz mal se esquecer. E' mesmo provável que esqueça, porque não é bom lembrar forças a bugrada, pra bem nosso e dele...

— (Cego sente um arrepio). E' seu Nó, nada de forças... nada.

— Nem dos enforcados. Ninguém os mandou meterem-se a bestas. Se fizessem como nós, teriam morrido naturalmente e deixado um bom pé-de-meia.

— E' verdade. Pensando bem, esses revolucionários... quer dizer... esses contra-revolucionários, tiveram o que mereciam. E nós fazemos muito bem em festejar a sua morte.

— Bem, seu Cego, eu vou indo. Tenho de tomar o avião das duas porque preciso falar com o senhor ministro ainda hoje.

— Então boa viagem, e dê lembranças minhas pra ele.

(Mensagem dos subconscientes, captada pelo médium X)

Todo aquele que se impuzer a tarefa de conhecer o historial do movimento operário de São Paulo, encontrará, nessa dignificante busca, no setor que pertence aos trabalhadores em calçados, páginas exuberantes de lutas e conquistas, dignas de um proletariado esclarecido e consciente. Através da União dos Artífices em Calçados, fundada em 1917, os sapateiros souberam manter a sua categoria profissional num nível moral de relevada importância, dado o caráter idôlogicamente definido que estejava suas atitudes.

Dentro da máxima da primeira Associação Internacional de Trabalhadores, fundada em Londres, em 1864, de que: «A emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores», a União dos Artífices em Calçados nunca permitiu, em sua atuação social, a interferência de políticos ou de agentes governamentais. Norteou, sempre, as suas lutas e reivindicações pelo método da ação direta de seus associados e pela atuação consciente e esclarecida de seus militantes.

Em 1921, o patronato alarmado com os retumbantes progressos alcançados por estes trabalhadores unidos e organizados dentro de seu sindicato de classe, resolveu organizar-se também, e por-se, de qualquer modo, a esta obra de saneamento moral e de conquistas econômicas. Como primeira medida, coercitiva e reacionária decidiram os patrões fechar as portas de suas fábricas para, por esse meio, assediarem os trabalhadores, vencê-los pela fome e impor-lhes regulamentos que visavam o esfacelamento total do sindicato. E óbvio que o Lok-out foi sempre uma arma patronal, nefanda e deprimente, que define muito bem a mentalidade vandálica dos patrões que a põem em prática, sendo até repudiada pelos menos conservadores.

Os sapateiros, porém, alicerçados em seus princípios de justiça social e fortalecidos pela solidariedade estabelecida entre eles, puderam manter bem alto o moral e impávidos esperaram o fracasso patronal. Quando os industriais, à vista da máscula e obstinada resistência dos trabalhadores, abriram as portas de suas fábricas para as púlpas em movimento, tiveram que dirigir-se à União dos Artífices em Calçados, e ali assinarem os devidos acordos, onde figurava, como clausula primordial, o pagamento imediato dos dias perdidos pelos operários em consequência do Lok-out patronal. Operários houve que receberam, de indenização, vinte e um dias de salários sem trabalhar. Foi uma estrondosa vitória que serve de grata recordação a sapateiros de testa embranquecida, cujos cabelos brancos atestam a nostalgia daquele passado glorioso.

Passados alguns anos, em 1922, quando o histórico acontecimento que envolveu Nicola Sacco e Bartolomeu Vanzetti tomou proporções internacionais, provocando clamores e protestos a favor daqueles dois honestos operários italianos que foram, injustamente condenados à cadeira elétrica na América do Norte, a União dos Artífices em Calçados tomou também posição digna e edificante. Foi numa de suas assembleias semanais, realizadas no antigo salão Itália Fausta, ainda existente na rua Florêncio de Abreu, que surgiu o Comitê de agitação Pro-Sacco e Vanzetti. Esse comitê teve ação destacada no Brasil na grande obra de solidariedade daqueles dois combatentes das liberdades humanas, vilmentes caluniados pela impudente soberbia dos argentários ianques. Um dos condenados à morte, Nicola Sacco, era sapateiro; e dois dos integrantes do Comitê Pro-Sacco e Vanzetti, também eram sapateiros. A atuação deste comitê foi memorável e seu prestígio alcançou o âmbito nacional através da profusa propaganda escrita que distribuiu. Ato de protesto, reuniões, comícios públicos, realizavam-se ininterruptamente e a eles acudia gente de todas as camadas sociais. O povo de São Paulo interessou-se vivamente pela sorte daqueles dois bravos idealistas italianos.

Um juiz, Hibrain Nobre, francamente reacionário, que assumiu adrede a chefia de polícia com o único intuito de reprimir a manifestação de simpatia que o proletariado de São Paulo votava às vítimas da sanha sanguinária dos encartolados Norte Americanos, não conseguiu, apesar de toda sua empáfia policiésca, impedir que os trabalhadores paulistas se associassem à greve geral mundial declarada no dia da execução do crime judicial.

O silêncio das fábricas e o abandono das oficinas foi como um derradeiro e fraternal abraço aqueles dois combatentes libertários que morreram queimados na cadeira elétrica de Massachusset. Este hediondo crime e aquele praticado contra os mártires de Chicago em 1887, constituem a mancha negra que ofuscará eternamente a fulgência imperialista do dólar ianque.

Quem conheceu São Paulo, trinta ou quarenta anos recuados, há de lembrar-se que irregular era o trabalho nas indústrias onde se sucediam, pedidicamente, calamitosas crises que atormentavam cruelmente os lares proletários. Em momentos como esse é que se pôde adquirelular o grau de consciência e sociabilidade assimilada pelos operários, posto que, é por demais sabido, que quando o trabalhador não encontra onde ocupar os braços para ganhar o pão de cada dia, cai de moral, cai de resistência, e sua conduta torna-se inconveniente e daninha para os seus colegas.

Dentro desse quadro de assoberbantes incertezas que, como foi dito, coloca o trabalhador em cruciantes dilemas, candidatando-o a passar fome, os sapateiros de São Paulo nunca se deixaram abater e tampouco perderam o rígido espírito de luta adquirido através da obra cultural da União dos Artífices em Calçados. A resistência ao patronato, conscientemente organizada, não cessava, não claudicava. Quando o trabalho diminuía, não se permitia ao patrão fazer a costumeira escolha e dispensar os operários que julgava supérfluos. O serviço e os dias de trabalho eram criteriosamente divididos de molde a não deixar desamparados aqueles colegas atingidos pela aversão patronal. Casos de morte, doenças, e outros percalços que tritiram sempre o míngua orçamento proletário, eram socorridos pelo coletivismo espontâneo e pela simpática solidariedade imane do espírito associativo adquirido.

Como tal firmeza de caráter foi possível resistir às investidas reacionárias do patronato, mancomunado sempre com a sanha policial que estava, permanentemente, na ordem do dia.

Não nos propuzemos fazer aqui o histórico acurado da estrada percorrida pelos sapateiros de São Paulo, dentro do seu movimento sindical. Focalizamos, mui ligeiramente e de preferência, o espírito de classe e o discernimento associativo que se patenteou sempre nos trabalhadores desta categoria. E a greve geral declarada em 1.º de Maio de 1932, que teve a duração ativa de quarenta e oito dias, foi um testemunho eloquente e insopitável da combatividade sempre crescente dos trabalhadores em calçados. Foi um soberbo contra-golpe ao patronato voraz que aproveitando a falta de trabalho fazia pungentes razias nos salários. E, como contra-protesto, a União dos Artífices em Calçados, distribuiu aos donos da indústria uma tabela de aumento salarial que, se não foi totalmente ganho, conquistou um aumento parcial, sustentando de vez o criminoso corte nos salários.

Aquêles acontecimento, já histórico e ainda vivo na mente dos sapateiros que o viveram, é uma prova contundente de que, quando os trabalhadores estão orientados, há prodígios de resistência ao capital, ressarcindo o espírito de luta nos próprios sofrimentos. Apesar de toda a campanha de difamação que os «líderes» vermelhos fazem contra tudo o que não leva a chancela comunista, a greve geral dos sapateiros do ano 1932, ficará sempre como um ponto luminoso nas páginas históricas dos artífices do couro.

Nas recentes greves destes últimos três anos, mesmo dentro do espartilho governamental, evidenciaram uma vez mais que ainda conservam aquêles velho e tradicional espírito de luta, haurido nas heróicas jornadas do passado. Esta ativa e combativa coletividade, tem hoje o sindicato preso à orientação de pelegos carreiristas que não mais pretendem voltar ao trabalho produtivo da fábrica e aos famosos teleguiados componentes das «célebres» torcidas uniformizadas, cuja missão precipua é aquêles de tumultuar assembleias, impedindo aos trabalhadores de resolverem tranqüilamente os seus assuntos. Essas torcidas, mui singularmente conhecidas nos meios operários porque são compostas de inocentes úteis, ignorantes teleguiados à distância.

Vale recordar que a chapa mais usada pela torcida uniformizada que age no meio dos sapateiros, foi sempre o slogan da «Congelamento de Preços». Bastou, aos teleguiados, penetrar nalguns postos da Diretoria, concluídos com os carreiristas que venceram as eleições à força de traças e falcatruas feitas a porta fe-

chada, para esquecer da consumida chapa da «Congelamento de Preços». E numa assembleia diminuta, onde a preponderância da torcida era um fato, «descongelaram» a mensalidade que era de dez cruzeiros para a congelarem novamente a trinta cruzeiros de uma só vez.

Este golpe contra o bolso dos associados foi feito por eles a sabendas: reduzir o número de associados para melhor manobrá-los e assegurar-se o domínio do sindicato. De fato é grande a porcentagem de trabalhadores que se nega a pagar a «descongelada» mensalidade de trinta cruzeiros.

Não cabe dúvida de que foi uma infeliz medida e inoportuna, inimiga da organização, e que propicia motivos para o afastamento de trabalhadores não esclarecidos, especialmente da geração que cresceu sob o domínio do Ministério do Trabalho. É de esperar-se que nas próximas eleições os operários em calçados saibam repudiar o carreirismo dos pelegos, brancos e vermelhos, e saibam também, fazendo jus ao seu passado, colocar o sindicato ao nível das necessidades odiernas, como órgão de classe e como meio de cultura.

Por P. C.

A MELHOR OBRA DOS SINDICATOS

Escreve-nos um trabalhador em calçados, lamentando a pouca atividade da Comissão de Cultura de seu Sindicato. Critica ainda o fato de terem sido nomeados pela atual diretoria os componentes dessa comissão, em vez de eleitos por uma assembleia como se fazia antes.

A melhor obra que os sindicatos podem fazer na atual conjuntura é a difusão da cultura entre seus associados. As comissões criadas para esse fim, eleitas ou nomeadas, tem uma grande missão a desempenhar, e seu trabalho, se for realizado com entusiasmo e abnegação, será de resultados positivos.

Tornando-nos éco dos reparos do missivista, juntamos também nosso apêlo aos membros dessa Comissão para que entrem em maior atividade. Um dos meios de difundir cultura sem grandes gastos são as conferências seguidas de debates entre os assistentes e os conferencistas. E para isso não faltam homens cultos sempre dispostos a espalhar conhecimentos, desde que os debates sejam realizados com a dignidade e a educação própria dos nossos ambientes sindicais. Assim que, por esse meio ou outros que a Comissão de Cultura do Sindicato de Trabalhadores em Calçados achar conveniente, concitamos ao bom desempenho de sua elevada missão.

Quanto ao fato de serem seus membros nomeados pela diretoria, a falha é dos associados, que deveriam pleitear o direito de elegê-los. Os próprios diretores poderiam tomar essa iniciativa, que os livraria futuramente de qualquer crítica pela inoperância das comissões nomeadas.

No setor dos gráficos é esse o critério de entrosamento entre as comissões, sempre eleitas, e a diretoria. E o sistema vem dando resultados positivos, embora passível, por vezes, de críticas que só visam melhorar a ação das mesmas.

De lamentar seriamente é o descaso que se nota noutros setores em assuntos de tão grande importância. Talvez seja porque seus diretores tenham em conta o aforismo de que «na terra dos cegos, quem tem um olho é rei». Devem reechar que os associados aprendam muito e que surjam competidores para os cargos em que pretendem perpetuar-se e em que se consideram reis absolutos...

Muitos dos atuais diretores vieram ao campo sindical com fumaças de revolucionários, de mártires de partido perseguido etc. Desde que receberam os primeiros ordenados (sempre aumentados, é claro) transformaram-se em carreiristas, dando inveja até aos pelegos mais lanudos. Nem a pau abandonam as tetas a que estão grudados. Os afastamentos permanentes da produção corrompem até a medula. É uma necessidade acabar com isso. E, para tanto, É PRECISO MUDAR!

SEMPRE TURISMO... PELO SETOR DOS GRÁFICOS

Numa roda de colegas gráficos comentava-se há dias a última em questão de turismo. Parece que um dos nossos líderes, rapaz moço e bem falante, engoliu 18 contos em 5 dias de permanência no Rio por conta do Sindicato.

O mais interessante da história é que tendo um colega nosso feito alusão ao fato, em recente reunião de representantes, estabeleceu-se uma confusão dos diabos entre os diretores presentes, colhidos assim de surpresa...

Um membro do Conselho Fiscal, que não vai na conversa e que cumpre sua missão com toda a honestidade, correspondendo à confiança que a classe depositou nele, confirmou o fato com um aceno de cabeça.

O tesoureiro, sem muita convicção, disse que a permanência fora de 8 dias...

O presidente, levantando-se, procurou salvar a situação e declarou enfaticamente que esse turista estivera no Rio desde o dia 1 ao dia 15...

Afinal, qual dos dois disse a verdade? E qual seria o assunto, tão importante, que esse enviado foi tratar no Rio?

Entretanto, estou informado que os quinze dias se justificam do seguinte modo: até o dia 10, por conta da Federação Nacional dos Gráficos; até o dia 15, por conta do STIG. Naturalmente que a Federação, que tem mais posses que o STIG, também deve ter pago a sua parte... Este nosso colega deve ter saído de algum dos livros de Rabelais, para personificar Pantagruel. Porque o bichinho come!

Depois, não querem que estas coisas sejam aventadas e criticadas. Alegam até que estas críticas estão desprestigiando os líderes, prejudicando o próprio sindicalismo. Mas, devagar. Os líderes não são o sindicato, embora eles pensem assim. E quem não quer ser desprestigiado não dá motivos para isso. Os líderes que enchem a tripa com o dinheiro do sindicato não são líderes de coisa nenhuma. São apenas líderes de si mesmos.

Os ventos sopram agora de outros lados e estão removendo todas as impurezas do nosso ambiente. Temos finalmente uma tribuna que escapa ao controle dos partidos e onde todas as verdades podem ser ditas. Quem não quiser ser criticado deve proceder com a probidade que o sindicalismo exige. Os Sindicatos não são a casa da sogra.

ZE' VENENO

O imposto sindical foi estabelecido para manter bem gordinhos todos os pelegos. Combatendo esse espírito corruptor da lei, poderia ser transformado, exclusivamente, em assistência clínica e hospitalar aos sindicalizados. Mas, para que isto suceda, É PRECISO MUDAR!

E' Preciso Reeducar

Os trabalhadores, através do ensino padronizado do Estado, recebem apenas os conhecimentos mínimos necessários ao seu aproveitamento na produção. O período infantil do operário é calculadamente aproveitado para incutir-lhe medo espiritual e conceitos de moral exdrúxula, que não de encavar-se por toda a vida em seu cérebro, como obstáculos à exata percepção de seus problemas de classe oprimida.

Dessa instrução deficiente e tendenciosa originam-se o fanatismo, o acatamento realístico de abstrações torpes e a tendência para o fatalismo, que o leva a pôr na conta dos deuses ou do destino a sua miserável condição. Ainda na didática oficial, são torcidos os conceitos do amor, da honestidade e da probidade, disfarçando-os com termos de deveres cívicos e de comércio de produtos e de corpos.

Não é de estranhar que os aleijões cerebrais assim cultivados conduzam à mesquinhez egocêntrica, o maior obstáculo à união e ao altruísmo, indispensáveis nas lutas pela emancipação proletária.

Esta emancipação só se processará através de períodos revolucionários, provocados pela classe mais interessada, uma vez que a evolução natural encontrará sempre a resistência organizada da classe que explora seus próprios semelhantes.

Criar, pois, consciência revolucionária, é o primeiro e principal objetivo de todos os órgãos de defesa dos trabalhadores, entre eles os sindicatos. Esta consciência só será adquirida pela compreensão dos direitos naturais e através de conhecimentos enciclopédicos suficientes para reduzir às justas proporções os tendenciosos ensinamentos adquiridos na infância. Só esta reeducação poderá extirpar egolatrias e egoísmos e dar vida sadia e leal aos sentimentos de amor e de solidariedade.

A. C. Pinto

Sempre reconhecemos que os sindicatos não são centros de beneficência. Sua finalidade é a resistência à exploração do patronato e dos governantes conquistar melhores condições de trabalho e salários que permitam enfrentar todas as necessidades. Isto, como pontos imediatos e mais objetivos.

O imposto sindical, fornecendo meios mais que suficientes para sua vida normal, levou à prática dessa assistência, realmente o melhor emprego que lhe podia ser dado. E essa assistência, ao menos no setor gráfico, era dada de modo bastante amplo, incluindo exames de laboratório, radiografias e assistência hospitalar.

O afastamento de diretores da produção, cada vez em maior número, as constantes viagens e as verbas arrancadas às assembleias para campanhas nem sempre positivas, levaram os atuais diretores a cortar parte dos benefícios concedidos aos associados até então.

Uma comissão eleita para dar parecer sobre as possibilidades de manter integralmente esses benefícios, opinou pela sua manutenção. Os diretores, entretanto, não quiseram saber de apertos nem de economias nos seus movimentos e mantiveram o corte. E não só isso: aumentaram as cotizações em 50%.

Como era natural, tais medidas desgostaram muitos associados, chegando alguns a abandonar o quadro social.

Assunto grave e ponto de choque, pois muitos gráficos não têm mesmo recursos para tratamento em centros de saúde particulares, mereceu o estudo dos componentes da Ação Sindical dos Gráficos. Pretendendo patrocinar a chapa de oposição que se está formando, o núcleo tem examinado e assentado diretrizes sobre pontos que serão apresentados à consideração dos componentes da chapa, para serem cumpridos no caso de assumirem a direção do STIG.

Sobre a beneficência, a Ação Sindical dos Gráficos assentou os seguintes pontos de vista: — Enquanto não for revogado o imposto sindical, todos os proventos do mesmo devem reverter em benefício dos associados; o dinheiro arrecadado, como foi verificado por comissão eleita para esse fim, dá para manter a assistência clínica, de laboratório e hospitalar, pela forma porque foi praticada por outras diretorias.

Este ponto de vista da A. S. G. é realmente o mais acertado. A lei teve em vista corromper diretores. Converter esse dinheiro em reais benefícios aos associados nas horas difíceis, é o seu melhor emprego e a melhor forma de contrariar a ronha que deu margem ao imposto.

Já temos conhecimento de que os atuais diretores, com o fito de prestigiar a chapa oficial em composição, e onde vai repetir-se a dança dos tangarás, vão restabelecer todos os benefícios suprimidos, nas proximidades das eleições... Mas, é o caso de se perguntar: será que só agora

seram conta de que os benefícios podem ser mantidos? — ou será que pretendem aboli-los de novo logo depois de se empoletrarem por mais dois anos na direção do sindicato?

OS GRÁFICOS DA IPIRANGA E O ÚLTIMO AUMENTO

Nossos colegas da Ipiranga foram prejudicados até agora pela falta de cumprimento da sentença que fixou o aumento de 18% nos salários. Uma guerra fria feita com premeditação e tempo, quase fez crer aos trabalhadores que a firma estava à beira da falência. E, compreensivos em sua grande maioria, agiram no sentido de que a firma se refizesse e equilibrasse as finanças.

Cabia à empresa provar em juízo que, realmente, não estava em condições de satisfazer o aumento. E ao Sindicato exigir a sua satisfação. A peritagem realizada, embora coberta por sigiloso manto, parece que não comprovou a má situação alegada. Logo, não vemos porque a empresa não satisfaz de uma vez o aumento devido, sabendo que será obrigada a fazê-lo por sentença.

Há em tudo isto o jôgo de um diretor que julga haver descoberto novas formas de iludir empregados. Tanto a empresa pode pagar o aumento instituído que chegou até a dar aumentos maiores a alguns servidores. E deu, sem esperar decisão judicial, 10% a todos os outros. No fundo desta diferença nos aumentos, só vemos a intenção de dividir os colegas na unidade de suas reclamações.

Nós conhecemos muita coisa sobre a real situação da empresa e de suas subsidiárias e muito poderíamos dizer sobre o assunto. Mas esperamos que a diretoria reconheça que seus empregados não podem ser prejudicados pelos desacertos e pelos negócios que não são deles, e que lhes dê, desde já, o aumento a que têm direito. Sua situação, no momento, permite esse ajuste. A guerra de nervos não pode atingir os estômagos das crianças que dependem dos ordenados dos gráficos da Ipiranga. Os professores, por sua sabedoria, devem compreender que há uma distinção entre o comércio de braços e o de utilidades. Esperamos um pouco de justiça e de bom senso.

Assembleia Geral do STIG

Na reunião do Conselho Geral de Representantes de 9 do corrente, foi resolvido que a diretoria convocasse uma Assembleia Geral para o dia 27, às 9 horas. Assunto principal em debate: "Resoluções da Conferência Inter-sinical" realizada há pouco no Rio de Janeiro.

Atividades no Departamento Social e Cultural

Em comemoração ao próximo 1.º de Maio, este departamento do STIG realizará no dia 30, com início às 20 horas, um ato cívico. Falarão sobre a data vários oradores, tendo sido convidado a usar também a tribuna o velho militante operário e jornalista Edgard Leuenroth, nosso amigo e colaborador.

E' de esperar que o salão de reuniões do STIG se torne pequeno nesse dia. Os gráficos devem comparecer ao ato, num preito aos Mártires de Chicago e com o fim de adquirirem conhecimentos sobre esse acontecimento histórico.

Para o próximo dia 25, está o mesmo Departamento anunciando uma conferência do sr. J. M. Almeida, subordinada ao tema: "O que têm feito a religião e o comércio em benefício da humanidade".

Convésote de confraternização

Patrocinado pelo Departamento Feminino do STIG, está sendo organizado um grande convésote de confraternização de todos os gráficos, sócios e não sócios, a realizar-se no dia 4 de maio.

O programa do convésote consta de inúmeras provas, para homens, damas e crianças, seguido de baile.

Será realizado no aprazível local da chácara Rudge Ramos, situada entre a via Anchieta e São Bernardo do Campo. Um elevado número de ônibus conduzirá diretamente, da sede do STIG ao local, os que nele tomarem parte.

Os convites podem ser retirados na sede do Sindicato ou pedidos aos representantes nas corporações.

Contra o carreirismo e a perpetuação na direção dos sindicatos, pela moralização e renovação de valores, É PRECISO MUDAR!

Cavalgada do Ideal

Do fundo das idades: ora fio de água cantando, ora torrente rugidora — a Idéia rola. E avassala. E domina. Foi virtude com Buda; amor com Jesus. Na Grécia chamaram-lhe filosofia e era o conhecimento da causa; em Roma foi fé e viveu nas catacumbas.

Foi sonho em todos os ergástulos, e nos postos da ignomínia — refrigério.

Foi — é — revolta!

Inspirou Spartacus e os escravos; era a alma das "jacqueries" medievais; esteve na tomada da Bastilha. Acada de moldar rudemente, ainda grosseiramente, que a argila é dura, — a Rússia. Ditou a Enciclopédia e tinha então punhos de renda; e ainda ontem passou por aqui, erguida ao alto, como uma bandeira, pelo povo que tinha fome.

A Idéia — a única capaz de se personificar assim — gera-se no tinir das gargalheiras, nutre-se da dor. Onde estão um escravo e um faminto e um incompreendido — ela está velando. As vezes não a sentem os tristes, e morrem sem a conhecer.

Enceguecidos pela ambição, pelo orgulho, os poderosos fingem não a ver e quando ela, — vestida a túnica inconsútil da verdade — lhes aparece em sonhos, correm, doidos, a apunhalar fantasmas.

Mas ela reina no mundo. Não ha império que tenha tantos súditos, nem religião com tantos adeptos.

A sua ronda vai de Oriente a Ocidente e de polo a polo. Levantam-se muralhas, acendem-se fogueiras, fecham-se portos, erguem-se cadafalsos — para lhe impedir a marcha. E ela passa. Cavalgada fantástica, quanto não dariam os reis para a ter como escolta!

Os prodígios que se têm feito, a inteligência que se tem posto à prova, o dinheiro que se tem dissipado para evitar que as idéias libertárias se propaguem! Ha legiões de homens, armados até os dentes, que fazem dessa tarefa o objetivo de toda a sua vida. Insensatos!

Quando julgam tê-las sufocado na América, fazendo funcionar a corda da força, elas surgem na França e são Comuna; quando supõem jugulá-las, espingardeando Ferrer em Montjuich, elas reaparecem nos campos e corporificam-se em Casas Viejas.

Milhares de anos de violência, séculos de escravidão, foram incapazes, sequer, de atenuar o arrebatamento das idéias. As vezes, na sua carreira vertiginosa, elas estacam. Descansam. Refazem-se de forças, para continuar, formidáveis. O orgulho dos poderosos chega a supor que, numa cilada, as detem. Ao cabo encontra, ao canto dum cárcere, um farrapo humano, ou, no fundo dum fôso, um cadáver. E elas lá seguem o seu caminho, sempre para o alto, sempre para a luz.

Ouve-se ao longe o tropel da cavalgada. Que acordem os que ainda dormem. E' tempo.

E' o triunfo da Justiça! é a vitória do Amor que chegam; abramos-lhes os nossos corações.

Poderosos, sou a vossa hora. Ricos, começa a restituição. Mas para quê tremer, se acabou a violência?! Sou a vossa hora, para o trabalho; começa a restituição do vosso supérfluo. Mais nada. O sangue, esse era só vosso apanágio; a dor, a vossa arma de combate; a extorsão, a vossa tática.

Para nós, não. A Idéia, que nos deu longanimidade para suportar os vossos vexames e as vossas prepotências, ainda nos exalta para que vos perdoemos.

Sede bem vindos ao seio da Sociedade Nova. Estão ali as ferramentas, além os campos para arrotar. Vamos que o tempo urge. E' dia claro já e foi longa e penosa esta noite.

O ideal que foi revolta e liberdade, agora é só — trabalho e perfeição. Ao trabalho!

Ação Sindical dos Gráficos

Os aderentes deste núcleo continuam reunindo-se regularmente, concatenando sua ação com vistas à próxima renovação da diretoria do seu Sindicato. Várias corporações já indicaram colegas para a composição da mesma. Praticamente, apenas uma grande corporação não indicou ainda seus elementos, o que fará dentro de poucos dias.

O entusiasmo pela organização da chapa de oposição é cada dia maior.

Os informes que a A. S. G. recebe das diversas corporações deixam perceber que a campanha encontrou eco em todas elas. A compreensão de que é preciso mudar está invadindo todo o setor gráfico. Muitos são os companheiros que atenderam o apelo de nosso primeiro editorial. Tomaram posição na barricada do verdadeiro sindicalismo, dispostos a sanear-lo dos males que está sendo atacado.

CONVOCAÇÃO

A Ação Sindical dos Gráficos convida todos os seus aderentes e todos os colegas que reconhecem a necessidade de dar nova orientação ao Sindicato do nosso setor, a tomarem parte na reunião que efetuará no dia 26 do corrente, sábado, às 15 horas, na sede do STIG, para tratar da seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º — Eleição da diretoria da A. S. G.
- 2.º — Escolha dos componentes da chapa de oposição nas próximas eleições para a diretoria do STIG.
- 3.º — Estudo sobre os melhores meios de divulgação e propaganda da chapa opositora.

Este convite é extensivo a todos os que estão de acordo com o programa da Ação Sindical dos Gráficos, publicado no 1.º número de "Ação Sindical".

São Paulo, 15 de Abril de 1958.

Waldemar Graça — Secretário geral.

Aos atuais dirigentes não interessa a boa orientação sindicalista; porque o trabalhador esclerado não se presta aos manejos políticos, não permite que se negocie em torno de seu voto nem serve de escada para ninguém. Para que haja orientação sadia, É PRECISO MUDAR!

A maior defesa contra todos os tipos de exploração é a constituída pelos sindicatos. O trabalhador que não se associa ao seu órgão de classe, negligencia seus próprios interesses, é mau colega e aproveitador do esforço dos que lutam em benefício de todos. Também aqui, É PRECISO MUDAR!

O Pelego

O Pelego é um produto
Da criação do varguismo.
Do ventre do trabalhismo
Saiu o líder astuto
Que arrecada em bruto
Os proventos sindicais.
Nos "desvios" ilegais,
De todos os exercícios,
Está o pão de seus vícios,
Que cada dia são mais.

O Pelego teme a luta,
A carranca do patrão,
E do ministro, o "sabão"
Que, todo contrito, escuta.
Só se desvela e matuta
Pra encher o embornal.
Tôda greve lhe faz mal
E, para viver contente,
Gordinho e reluzente,
Quê quer a paz social...

Bancando sempre o sabido,
Com espinha genuflexa
E ladainha convexa,
Que serve a qualquer partido,
Afirma estar imbuído
Da mais santa intenção.
— Mas, trabalhador irmão,
O pelego é um vigarista
Que deve fazer a pista
Na primeira ocasião...

B. X.

Avulso: Cr\$ 2

Assinatura anual Cr\$ 50,00

A FESTA DA PELEGADA

A mistificação segue por seus caminhos naturais. O 1.º de Maio, marco de uma tragédia sem precedentes em que a malvez das classes dominantes levou à morte cinco trabalhadores, não podia escapar a ela.

A verdade vara os tempos e não há ardis nem violências que consigam escondê-la por muito tempo. Os povos rendem então homenagem aos vilipendiados, às vítimas da mentira e da truculência. Com os Mártires de Chicago aconteceu isso. Reabilitados depois de mortos, suas vozes continuaram, como um eco perpetuo da verdade, a despertar a consciência dos trabalhadores de todo mundo. O capitalismo ladravaz, aproveitando a noite escura que estendeu sobre a terra com suas ditaduras, tentou apagar na lembrança dos trabalhadores o significado da data. Por seus órgãos de tapeação, tipo seisis, passou a festejá-la. A mistificação, dado o longo silêncio que as ditaduras impuseram, vingou em parte. Muito trabalhadores de hoje não sabem que, há 72 anos, nessa data, tinham início as primeiras grandes lutas pela conquista do horário de 8 horas, luta que levou à força os operários mais esclarecidos de Chicago, após um processo monstruoso. E não sabem também que, a partir de então, os trabalhadores passaram a comemorar a data como um dia de protesto contra todos os crimes das classes dominantes e como um dia de afirmação de direitos.

Isto também é desconhecido de uma boa parte dos atuais dirigentes dos sindicatos; mas outra parte, a mais sabida, não desconhece os fatos que originaram a comemoração. Entretanto, com cinismo revoltante, acompanham a mistificação iniciada pelo capitalismo.

E aí estão eles, programando festejos, de braços dados com todos os inimigos reais, com todos os ladrões do suor alheio. As festas do SESI,

E' PRECISO MUDAR!

Os pelegos sujeitam-se a tudo com tal de conservarem seus cargos. Sanguessugas dos cofres sindicais, amolecem ainda a ação dos trabalhadores, impondo-lhes a orientação encomendada por seus mentores, os políticos que medram sob todas as lendas. Os pelegos enferrujam todas as boas intenções. Os trabalhadores, como ponto de partida para suas lutas, têm de limpar primeiro seus sindicatos desses parasitos. Realmente, **E' PRECISO MUDAR!**

Quando alguns gráficos mais esclarecidos se opuseram à linha política dos atuais diretores, a ordem foi para que esses colegas fossem «isolados». Um deles chegou mesmo a ser ofendido numa reunião e teve de retirar-se sob forte abalo nervoso. Este companheiro, um gráfico em atividade, não voltou mais, como antes, a participar das atividades na sede do STIG. Quem o ofendeu, afastado há anos das atividades do ramo, é gráfico apenas pela condescendência de uma assembléia. Respeitamos essa resolução, mas achamos que esse companheiro, que ainda prezamos um pouco, deve medir situações e posições e não provocar o afastamento de antigos sócios com seus destemeros. Os «isolados», entretanto, agradecem a situação que lhes foi criada e que redundou em fecunda atividade. A prová-lo, está este órgão, forte arieta a marretar sua intolerância e a derrubar o mito da infalibilidade dos que se adoram a si mesmos. Não de reconhecer agora, talvez um pouco tarde, que os homens ativos, os que consideram os sindicatos como um prolongamento de si mesmos, não abandonam a luta assim tão facilmente. Antes ao contrário, os obstáculos e as reações, venham de onde vierem, servem-lhes de estímulo. E' por isto que lhes agradecemos. E que nos perdõem se os aconselhamos a que reconheçam que, de fato, **E' PRECISO MUDAR!**

O Próximo 1.º de Maio

Organizam-se manifestações cívicas e festividades várias para lembrar essa data proletária que, no calendário brasileiro, figura como um feriado igual aos demais.

Entretanto, bem diversa é a significação do 1.º de Maio, pois os acontecimentos que lhe deram origem não justificam de maneira alguma o caráter festivo que se lhe quer emprestar. Ao contrário de uma festa, é uma data simbólica das aspirações da classe trabalhadora, uma comemoração afirmativa da vontade e decisão do proletariado de reivindicar os seus direitos espesinhados.

A origem da comemoração do 1.º de Maio tem uma longa, sangrenta e dolorosa história, que se inicia por volta de 1832, quando, nos Estados Unidos, se verificou o primeiro movimento organizado para ser seguida a regulamentação do horário de trabalho, tendente a estabelecer a jornada de 8 horas.

Durante o longo período que vai dessa data até 1886, o proletariado norte-americano manteve-se em agitação, promovendo greves de corporações e generalizadas, culminando esse movimento em uma greve geral marcada para o 1.º de Maio desse ano, que teve grandes proporções em todo o país, cooperando com os trabalhadores a Liga das 8 Horas, a Liga dos Cavaleiros do Trabalho e a seção norte-americana da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Os dominadores da época, impressionados com a decisão dos trabalhadores iniciaram seu ataque contra esse movimento reivindicador. E a reação de desencadeou furiosamente, verificando-se toda sorte de violências. Não obstante isso, apesar de todas as brutalidades de que foram vítimas, os operários persistiram na luta dispostos a manter a sua reivindicação.

A ação contra os trabalhadores assumiu, então, feição ainda mais violenta, metralhando-se as multidões e enchendo-se as prisões dos elementos proletários que mais se destacaram pela sua atividade e pela dedicação à causa de sua classe. Dentre os militantes obreiros vítimas dessas perseguições atroz, oito se destacaram e contra eles se atiraram os seus perseguidores. Cinco deles foram condenados à força, dois à prisão perpetua e um a 15 anos de prisão. Na história do martirólogo do proletariado, figuram eles com a designação de «Mártires de Chicago».

Acusados infundadamente, conforme se demonstrou depois, de terem praticado um atentado contra a força policial num comício, tiveram um julgamento que ficou famoso nos anais do juri norte-americano.

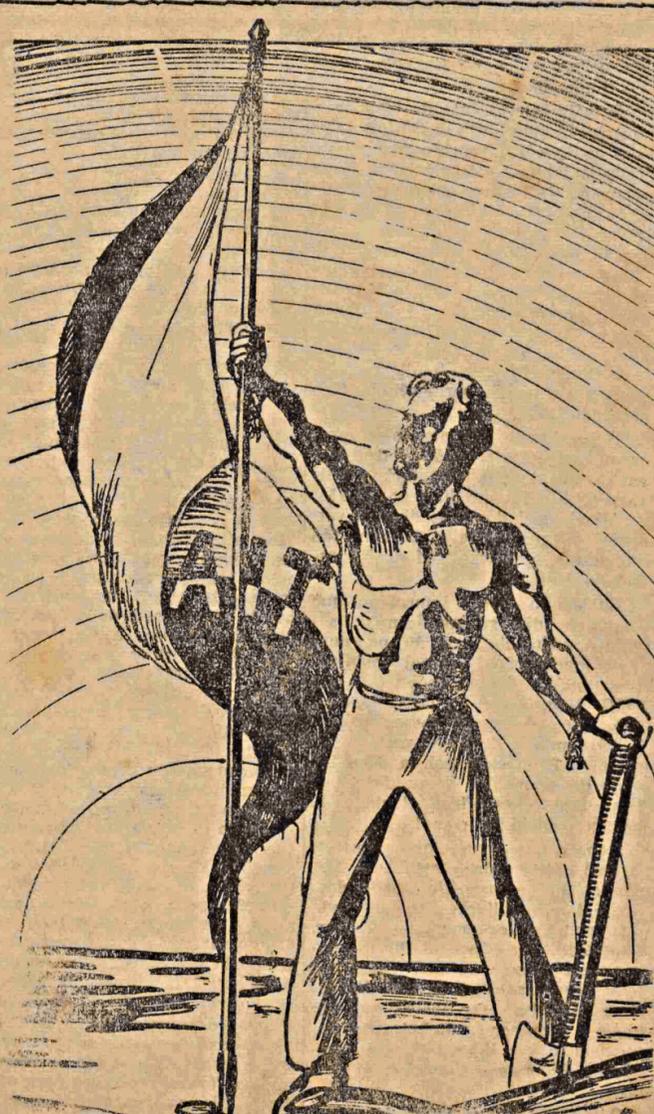
De acusados que eram passaram a acusadores, proferindo impressionantes discursos, defendendo a causa dos trabalhadores e acusando os seus exploradores.

Foram os seguintes, quase todos de filiação anarquista, as vítimas de um dos maiores crimes sociais da história: Augusto Spies, Adolfo Fischer, Jorge Engel, Alberto Parson, Luis Ling, Samuel Fielden, Miguel Schwab e Oscar W. Neeb. Um deles apresentou-se ao tribunal, para ser julgado com seus companheiros.

Dos cinco primeiros condenados à força, quatro foram executados e o quinto fez explodir uma cápsula de fulminato de mercúrio na boca, para não entregar o pescoço ao carrasco. A cápsula foi-lhe levada, a seu pedido, por pessoa de sua família.

Ainda no patíbulo, já com a corda no pescoço, continuaram a proclamar os direitos da classe trabalhadora. A força estrangulou a vida desses mártires do proletariado no dia 11 de novembro de 1887.

Sete anos mais tarde, o governador do Estado de Illinois, onde a tra-



Era esta a bandeira que defendiam os Mártires de Chicago, a da velha Associação Internacional dos Trabalhadores, que lançou ao mundo a sua máxima: "A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores" — e não de chefes nem de representantes nas câmaras da burguesia.

gédia se verificou, mandou proceder à revisão do processo, concluindo-se pela indiscutível inocência dos acusados. Os que se encontravam presos foram postos em liberdade, mas a sentença absolutória já não podia restituir a vida aos que haviam sido enforcados por terem defendido a causa dos trabalhadores.

Essa é, em largos traços a história da mais pungente tragédia social.

Foi para protestar contra todas as injustiças de que é vítima a classe proletária e proclamar o seu direito e uma vida feliz a que, com seu esforço faz jus, que, a partir da tragédia de Chicago, o 1.º de Maio vem sendo comemorado em todas as partes do mundo, pela classe trabalhadora.

Assim se resolveu em dois congressos internacionais realizados em Paris logo após aquele crime do capitalismo. Assim se decidiu em todos os países, inclusive o Brasil, nos congressos realizados em 1906, 1913 e 1920 pela Confederação Operária de São Paulo no período de 1906 a 1935. O proletariado organizado serviu-se dessa data para afirmar os seus direitos e seu propósito de lutar para os reivindicar.

E com esse caráter tem sido comemorado o 1.º de Maio, nem sempre pacificamente, pois os reacionários muitas vezes procuram perturbá-lo com violências e perseguições, impedindo essa manifestação proletária, é sua finalidade.

Quantas vezes as prisões não se encheram em consequência dessa comemoração, verificando-se as invasões domiciliares, as brutalidades corporais, as deportações para regiões inospitas e para o estrangeiro.

Enquanto os tubarões das finanças, das indústrias e da burocracia acumulam fortunas colossais de toda espécie explorando a situação tormentosa do momento, o povo vê a miséria rondar-lhe a porta, em consequência do encarecimento incrível do custo de vida.

Tem cabimento pois, trabalhadores, participar de festas no dia 1.º de Maio? Não é possível!

Deram caráter festivo a essa data, sendo organizadores ou participantes dos festejos os próprios exploradores do povo, com o fim de mistificar o operariado, desviando-os de seus movimentos reivindicadores.

TRABALHADORES!

Sejamos dignos do sacrifício dos que lutaram e sucumbiram pela nossa causa, não conspurcando a sua memória.

Cerremos fileiras em nossos sindicatos, libertando-os do peleguismo, pondo fora os politiqueros que néles se envolvem para satisfazer suas ambições, tornando-os os centros de educação moral e social, porque esta pedindo essa manifestação proletária, é sua finalidade.

Os gráficos que reconhecem a necessidade de renovar o ambiente no seu Sindicato, devem unir seus esforços aos de seus colegas da Ação Sindical dos Gráficos e votar na chapa de oposição por ela recomendada. Nas próximas eleições está a única oportunidade da classe impor sua vontade. Todos devem tomar posição!

E' PRECISO MUDAR!